



ISSN: 2595-5713

Vol. 06 | N°. 11 | Ano 2023

Isaque Pereira de C. Neto

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre Antônio Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

A HISTÓRIA, OS DOCUMENTOS E O DESESPERO DO HISTORIADOR: EUDORO DE SOUSA E A CRÍTICA À “PRESENÇA DO PRESENTE”

HISTORY, DOCUMENTS AND THE HISTORIAN'S DESPERATION: EUDORO DE SOUSA AND THE CRITIQUE OF THE “PRESENCE OF THE PRESENT”

RESUMO: Artigo sobre o pensamento do mitólogo luso-brasileiro Eudoro de Sousa acerca do que concebe como a insuficiência da Ciência da História em acessar, perscrutar e assimilar um passado irreduzível aos procedimentos lógico-discursivos que caracterizam a Filosofia e a Ciência. Inicialmente pensada a partir dos seus estudos sobre a Antiguidade Grega, a crítica à História enquanto Ciência do presente antropocêntrico com pretensão de passado, toma a dimensão de problema imprescindível nas reflexões sobre Teoria e Filosofia da História. Uma análise das dificuldades enfrentadas pelo historiador frente aos documentos por si considerados históricos acusa, conforme Eudoro de Sousa, a fragilidade dos discursos historiográficos.

PALAVRAS-CHAVE: História; “presença do presente”; “presença do passado”; origem; documentos.

ABSTRACT: Article on the thought of the Luso-Brazilian mythologist Eudoro de Sousa about the insufficiency of the Science of History in accessing, scrutinizing and assimilating a past that is irreducible to the logical-discursive procedures that characterize Philosophy and Science. Initially thought of from his studies on Greek Antiquity, the critique of History as a Science of the anthropocentric present with pretense of the past, takes on the dimension of an essential problem in reflections on Theory and Philosophy of History. An analysis of the difficulties encountered by the historian in the face of documents that are considered historical, accuses, according to Eudoro de Sousa, the fragility of historiographical discourses.

KEY WORDS: History; “presence of the present”; “presence of the past”; origin; documents.

A HISTÓRIA, OS DOCUMENTOS E O DESESPERO DO HISTORIADOR: EUDORO DE SOUSA E A CRÍTICA À “PRESENÇA DO PRESENTE”

Isaque Pereira de Carvalho Neto ¹

Introdução

Filólogo, helenista, mitólogo e filósofo luso-brasileiro, Eudoro de Sousa dedicou a sua vida intelectual ao estudo da Antiguidade Clássica Greco-Latina e Pré-Clássica Oriental. ² Desde os primeiros artigos publicados nos anos 1940, se anuncia em seu pensamento um embate com a concepção positivista da História, ainda predominante no ambiente universitário português e brasileiro na década de 1970³, contenda que se eleva à radical crítica à Ciência da História em sua derradeira obra publicada, o ensaio *História e Mito* (1981). É objetivo deste artigo assinalar a crítica ao que Eudoro de Sousa designou como insuficiência do saber histórico na demanda do conhecimento do passado e demonstrar como e por que o pensador acusa esta por si presumida deficiência, bem como indiciar o que seria a sua superação na Mitologia⁴, tomada como conhecimento mais adequado à compreensão do que, segundo Eudoro de Sousa, escapa à capacidade cognitiva da História enquanto Ciência. A consecução desse objetivo será realizada através da análise dos escritos de Eudoro de Sousa, onde são discutidos “*presença do presente*”, “*presença do passado*”, a ideia de “*origem*” não-humana (ou além-humana) contraposta à discursividade antropocêntrica e a controversa relação do historiador com os documentos concebidos por si como históricos.

Às perguntas formuladas pelo historiador a um por si suposto passado, na esperança de conhecê-lo e dele se apropriar com fins utilitários no que diz respeito a problemas da sua

¹ Isaque Pereira de Carvalho Neto. Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). idiche71@gmail.com

² Eudoro de Sousa (1911-1987) nasceu em Lisboa e faleceu em Brasília. Estudou as grandes questões da religião helênica e pré-helênica como a relação entre ambas e a experiência patente no drama ritual de onde emergem, segundo entende o próprio pensador, a Poesia e a Mitologia. Em *Dionísio em Creta* e *Horizonte e Complementaridade* abordou a correlação entre mito-metafísica e mitologia-filosofia na Grécia antiga; discutiu o acesso ao outro originário em *Mitologia* e em *História e Mito*; dedicou quase meio século à atividade especulativa que iniciou em Portugal, passando por Alemanha e França, vindo a se estabelecer no Brasil, onde lecionou nas Universidades de Santa Catarina e de Brasília. Na Universidade de Brasília, fundou e dirigiu o Centro de Estudos Clássicos, formando uma geração de mestres nas áreas da História, da Filosofia, da Antropologia e da Literatura. Para além dos ensaios que o filósofo baiano Fernando Bastos considera a sua “*obra programática*”, *Horizonte e Complementaridade*, *Mitologia* e *História e Mito*, bem como do inquérito a Eudoro de Sousa organizado por Ordep Serra sob o título de *Sempre O Mesmo Acerca do Mesmo*, foi fecundo na produção e publicação de artigos, que se podem encontrar reunidos em dois volumes publicados pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, sob os títulos *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* e *Origem da Poesia e da Mitologia no Drama Ritual e Outros Ensaios Dispersos*.

³ Juntamente com a perspectiva marxista da História.

⁴ Apenas indiciar, sem a pretensão de desenvolver neste artigo a concepção de Mitologia de Eudoro de Sousa, assunto fundamental dos seus derradeiros estudos interrompidos por ocasião do seu óbito em setembro de 1987, o que o faremos em ocasião oportuna.

atualidade (no sentido vulgarizado de conhecer o passado para transformar o presente), responde o mesmo historiador, munido de documentação, escassa ou abundante, de natureza literária e/ou arqueológica, mas também em outros suportes⁵, e convicto da veracidade da contestação por hábito de sua abordagem alegórica⁶: basta um exercício de intelecto para converter em presente o passado, em conhecido o desconhecido, em próximo o remoto. Para Eudoro de Sousa, assim se configura a cientificidade da História enquanto método histórico e abordagem epistemológica, em todo esforço intelectual que anteponha o nome História ao seu objeto de interesse, como nos casos de História das Religiões, História da Literatura, História da Filosofia, entre outros. Neste exercício reflexo e intelectual (apenas intelectual), caracterizado não pela resposta do outro inquirido, mas como confirmação do mesmo que o perscrutador é, o historiador constitui, a um só tempo, indagador, indagação e solução da indagação. E por assim o ser, conforme Eudoro de Sousa, o passado da Ciência da História não é senão o próprio historiador, simultaneamente sujeito e objeto de sua demanda, enquanto “*presença do presente*”, isto é, o homem centrado em sua atualidade e compreendido como o ser da recusa do que gratuitamente lhe é oferecido, e que se afirma negando, se aceita recusando, se constrói destruindo.⁷

Antes de seguirmos adiante em nossa argumentação, ou mais propriamente para desempenhá-la com alguma segurança, é conveniente esclarecer o significado de duas expressões de relevância incontornável no conjunto do pensamento de Eudoro de Sousa referentemente às suas concepções de História e Mito, bem como aos propósitos deste artigo. Referimos à “*presença do passado*” e à “*presença do presente*”. Em contraposição ao que Eudoro de Sousa chama de “*presença do presente*”, compreendida como os diversos “agoras” que a partir de si intentam dizer o que são as antiguidades e as distâncias mais ou menos afastadas, sem, contudo, sequer se acercar do passado *per se*, mantendo-se sempre no interior das respectivas atualidades

⁵ É de se referir que os chamados documentos históricos assim são considerados porque o próprio historiador lhes atribui esta função, deixando de fora desta caracterização, por procedimentos eletivos incontornáveis, diversos outros elementos que porventura também poderiam ser tomados como vestígios ou indícios daquilo que busca a investigação histórica, o que denuncia a intencionalidade do historiador na reflexão acerca do que entende ser o passado.

⁶ Para Eudoro de Sousa, alegoria consiste em querer dizer outra coisa que não aquela que fica expressa, ou ainda, um expediente de cognição intelectual no qual o particular apenas significa (sem o ser) o universal, e que pressupõe “*a anterioridade lógica de uma teoria portadora do sentido*” para a qual a alegoria aponta em seu empenho de se fazer compreensível. No exercício da alegorese, o pensamento intelectual pretende pela exterioridade e anterioridade do discurso ao seu objeto, que não é senão a projeção objetivadora da subjetividade que o pensa e o enuncia, marcar com o selo do seu “aqui e agora” ou da presença do seu presente todas as dimensões da realidade. Cf. Eudoro de Sousa (2000). “Duas Perspectivas da Helenidade. Filologia Clássica e Filologia Romântica”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 53.

⁷ Homem aqui é tomado em consonância com o primeiro aspecto da antropologia eudoriana, a saber, um ente definido como a própria recusa do que por si não foi e nem pode ser feito, isto é, como o ser separado do que antecede e excede o apenas humano, e que por força da recusa humana se encontra encoberto, encerrado e olvidado na objetividade do mundo apenas humano. Cf. Eudoro de Sousa. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 98. Outro aspecto da referida antropologia considera o homem como superação de limites, embora não por iniciativa própria.

dos seus enunciados, a “*presença do passado*” é um passado que não passa conforme a presumida passagem do tempo cronológico (SOUSA, 1981, p. 65, 71; SOUSA, 2004, p. 102). Exuberante e proteica no princípio (aliás, é a própria origem dos entes originados, conforme Eudoro de Sousa), a “*presença do passado*” está oculta nos sucessivos presentes, sem que disto se deem conta os mesmos presentes, e se encontra sempre na iminência de romper o “*encantamento*” (SOUSA, 1980, p. 96) ou ocultamento em que na “*presença do presente*” está encerrada, constituindo a sua presentificação ou re-aparição, como Eudoro de Sousa entende ocorrer em raros momentos, um “*misteriosíssimo mistério*” (SOUSA, 1980, p. 41). A este passado que não passa, Eudoro de Sousa também o chama de “*antes*” (SOUSA, 1981, p. 29, 47, 57, 66, 71, 72), significando por este termo não apenas o que antecedeu cronologicamente, como para o caso do “*pré*” de pré-helênico, pré-lógico, pré-consciente e pré-histórico, mas o conjunto dos possíveis irrealizados para que fossem plenamente realizados os possíveis realizados na “*presença do presente*”, isto é, o negado e preterido que adormece no esquecimento a que foi deixada a “*presença do passado*”, aguardando que soe a hora de seu inesperado e desconcertante assomar-se.

Neste sentido, “*presença do passado*” e “*antes*”, constituem o que Eudoro de Sousa concebe como “*origem*”, noção que desempenha papel capital no seu pensamento. Cumpre explicitar que “*origem*”, conforme a entende Eudoro de Sousa, diferencia-se radicalmente de “*início*”, no sentido do que habitualmente a Ciência da História põe no começo (e apenas aí) de qualquer processo diacrônico, significando início histórico. Considerando-se qualquer processo com a sua constitutiva noção de temporalidade a determinar uma “*transição historiável*” (SOUSA, 2000, p. 70), “*origem*” não se limita a um início, antes preside “*tanto ao meio e ao término quanto ao início*” (SOUSA, 2004, p. 102), denotando uma presença que não passa com a passagem do tempo (SOUSA, 1981, p. 71). Neste sentido, o que Eudoro de Sousa chama de “*origem*”, em franca oposição a início, “*não é um pré-liminar – é um sub-liminar; não é um pré-histórico – é um sub-histórico; não é um pré-consciente – é um sub-consciente*” (SOUSA, 2000, p. 108). Isto significa que a “*origem*” não se subsume à noção de “*pré*”, com o vulgar sentido do que veio imediatamente antes daquilo que se estabeleceria temporal e conscientemente (o que no pensamento de Eudoro de Sousa equivale a “*historicamente*”), deixando de ser aquilo que é com o advento deste mesmo temporal-consciente, mas que se dá a ver, ou antes, a pressentir, como uma presença subjacente, a despeito de sua ocultação naquilo que é temporal e consciente, e por isto presença misteriosa, uma desconcertante presença diante da qual a capacidade lógico-discursiva e presentemente atenta (“*presença do presente*”) recua e se converte em incapacidade de representar e significar. Trata-se de um fundo necessário e

permanente em sua nudez seminal, que trespassa habitualmente insuspeito, mas inextinguível, tudo o que é fático, objetivável e circunstancial.

Assim considerado, é o presente, portanto, e não mais que o presente dissimulado ou atenuado num suposto passado mais ou menos distante, numa retumbante contradição, o passado da História, perfazendo neste movimento uma viciosa circulatura, cujo ponto de partida, idêntico ao ponto de chegada, é o homem e o seu presente humano. A contradição que faz equivaler passado e presente como uma única e mesma realidade patenteia deste modo um círculo hermeticamente fechado desde o ponto de vista do próprio homem, no interior do qual não pode haver possibilidade de transcendência. Para Eudoro de Sousa, esta é, invariavelmente, a concepção que entrelaça as noções de História, historicidade, historiável e horizonte histórico, suposta garantia de positivo conhecimento subsumido ao afazer humano, já este entendido como técnica que assegura a continuidade do mundo construído por si, ou vice-versa, isto é, a técnica tomada como o próprio afazer humano. De todos os modos, é a identidade entre Ciência e homem o que Eudoro de Sousa acusa em sua crítica à História, ocasião em que também expõe a sua rejeição referentemente ao positivismo que enforma e sustenta o que entende ser a História.

Respondendo ao inquérito de Ordep Serra, em *Sempre o Mesmo Acerca do Mesmo*, Eudoro de Sousa afirma o seu “*decidido e radical anti-positivismo*” (SOUSA, 1978, p. 11), que marcará todo o seu pensamento de mitólogo, mas não menos de filósofo, e conseqüentemente, a sua crítica à História exposta de modo mais desenvolvido no confronto com a sua concepção de Mito em *História e Mito*. Com efeito, já nos artigos “Da Existência dos Deuses” (SOUSA, 2004, p. 141-152) e “Orfeu, ou Acerca do Conceito da Filosofia Antiga (Prefácio e Posfácio de Um Livro Inédito)” (SOUSA, 2000, p. 129-141), refletindo em torno do delicado problema da chamada transição histórica do *mythos* ao *logos*, Eudoro de Sousa acusa o método científico e positivista que preside a esta concepção, cuja fonte inicial poderia ser encontrada no dissimulado desejo de Aristóteles confirmar a sua tese das quatro causas, remontando a Tales e à Água como princípio fundamental do pensamento do Milésio.⁸ Referimos ao método empregue pelo exegeta alegorista, interessado em confirmar a crença positivista no primitivo trânsito da teologia (do mito) para a metafísica, que consiste em fazer equivaler “mitologema” e “filosofema” (SOUSA, 2000, p. 137), reduzindo o passado daquele ao presente deste, como se ambos respondessem ao mesmo tipo de indagação e equivalentes fossem as suas linguagens.

Para Eudoro de Sousa, ao contrário, Mito e Filosofia (também Ciência e, por conseguinte, a História) nem respondem ao mesmo tipo de preocupação, nem tampouco se expressam pela mesma linguagem. Decididamente Eudoro de Sousa entende, como também o faz quanto à

Poesia frente à Filosofia e à Ciência, que o *mythos* não constitui um dizer de outro modo o que diz o *logos*, no sentido positivista em que o primeiro encobriria o erro e o segundo desvelaria a verdade (SOUSA, 1975, p. 33). Ao passo que o *logos* implica uma ânsia de resolver problemas, e o mais premente de todos, isto é, responder à indagação “o que é?”, que é a pergunta própria da inteligibilidade e, portanto, da razão discursiva (SOUSA, 1981, p. 78), o *mythos* atende a diversa postura do homem perante a sua realidade existencial, como afirma Eudoro de Sousa: “*O mito, na sua ambiência puramente religiosa, é resposta a uma pergunta de ninguém, solução de um problema jamais enunciado*” (SOUSA, 2004, p. 145). E não é o *mythos* um dizer que, ainda que distinto, afirma o mesmo que diz o *logos*, porque a sua expressão, que é o símbolo, está longe da ideia positivista de “*linguagem-utensílio*”, ou seja, “*instrumento ou utensílio, servindo o propósito de enunciar o pensamento*” (SOUSA, 2004, p. 146). Neste sentido, impossível se torna a tradução de uma linguagem noutra linguagem, a do *mythos* na do *logos*, isto é, verter o significado da primeira no significante da segunda através da hipótese da possibilidade de identidade dos significados, por força de ser intraduzível em termos lógicos a originalidade da expressão mítica. A persistência neste procedimento revela a debilidade, como a qualifica Eudoro de Sousa, da exegese alegórica e positivista na crença de realizar com êxito o câmbio do símbolo pelo conceito explicativo e assim esclarecer o sentido do que os mitos, realidade de um passado imemorial, são e dizem. Igualmente impossível se nos revela, por este caminho, deduzir historicamente a Filosofia da Mitologia, assim como aceitar naturalmente como naturalmente humano o trânsito da Teologia à Metafísica, e da Metafísica à Ciência positiva, como o entende o positivismo (SOUSA, 2004, p. 146).

Outro problema apontado por Eudoro de Sousa na abordagem positivista da Ciência, o que incapacita a História de fazer emergir a sensibilidade na inteligibilidade, ou avocar a “*presença do passado*” à “*presença do presente*”, é o tema dos chamados documentos históricos, entendidos como vestígios ou testemunhos produzidos em tempo passado referentemente à contemporaneidade do investigador. Decerto que a História não prescinde, em qualquer hipótese, de documentação suficiente que a sustente enquanto Ciência, sob o risco de “degenerar-se” em lenda ou narrativa romanesca no sentido mais desfavorável de ambos os termos. Todavia, o documento ou vestígio considerado histórico traz, segundo Eudoro de Sousa, pelo menos três tipos de problema ao historiador, cuja análise mais detida, revela, quer as limitações da História em seu anelo de efetivamente conhecer o passado mediante a referida documentação, quer a sua real natureza constitutiva, consoante a primeira abordagem antropológica de Eudoro de Sousa, a lembrar, o homem como recusa de sua inexaurível origem, confirmando deste modo o que acima

⁸ Decerto que Eudoro de Sousa não entende, de modo anacrônico, Aristóteles como um positivista, mas ressalta que a abordagem da doxografia a respeito do seu pensamento é que parece ter iniciado uma tradição exegética alegorizante

já havíamos assinalado, isto é, a concepção eudoriana da História como um discurso presente sobre o presente que se projeta numa aparência de passado, mas jamais como um discurso, ainda que presente, aberto ou disponível à real aparição de um passado que não é o presente do historiador.

Se bem que Eudoro de Sousa pense o problema dos documentos históricos, como o estamos apontando, a partir de estudos dispersos por vários artigos acerca da Religião e da Mitologia Gregas, bem como no âmbito da Antiguidade das grandes civilizações clássicas, é em *História e Mito* que o referido problema ascenderá a uma reflexão propriamente filosófica sobre a História como saber (SOUSA, 1981, p. 9). Assim, elencamos os problemas acusados por Eudoro de Sousa para considerá-los um por um nos parágrafos que se seguem: 1) o documento histórico é produzido pelo homem da historicidade, por exclusão do que não é o homem e, portanto, não é historiável; 2) muito do que poderia ser tomado como documento histórico revelador do passado se perdeu, restando apenas fragmentos que, balbuciantes, compõem uma ínfima parte do que se documentou, ou ainda mais agravante, uma diminuta parcela da inescrutável realidade situada no passado e cujos fragmentos de documentos pretendem ser a evidência; 3) dos pretéritos e restantes documentos que foram legados para os tempos subsequentes à sua produção, grande parte do conteúdo é incompreensível pela mentalidade e linguagem da atualidade de quem se impõe a tarefa de sua compreensão, como ficou expresso na crítica de Eudoro de Sousa à concepção positivista que aventa a real possibilidade de perfeita tradução de linguagens e de modos de consciência que se diferenciam entre si, como se distinguem em pólos contrários a vigília e o sono profundo, a “*norma do dia*” e a “*paixão da noite*” (SOUSA, 2004, p. 148).

O primeiro problema: considerando que para a abordagem positivista a existência de documentos consiste num dos principais princípios que garantem a cientificidade da História (SOUSA, 1981, p. 70), dependendo de outros critérios a veracidade destes documentos, como por exemplo a datação das fontes e o confronto com outros documentos que os não contradigam, afirma Eudoro de Sousa em *História e Mito* que nem tudo o que é humano deixa vestígios investigáveis, e que há vestígios deixados sem a intenção de o fazer por parte de quem os produziu, e os há aqueles, cuja existência está associada inexoravelmente à consciência e à volição de seu(s) autor(es). Estes últimos seriam, propriamente, segundo Eudoro de Sousa, deixados pelo homem da historicidade, bem como pelo homem da historicidade unicamente valorizados. E o fato de serem deixados “*por querer*” (SOUSA, 1981, p. 71), como vem expresso em *História e Mito*, patenteia o que, para Eudoro de Sousa, é aquilo de que a História é

e, neste sentido, tendendo ao positivismo.

História: o presente, ou o homem que ao “*além-humano*” ou “*desumano*” recusou.⁹ Aqui importa dizer que por vestígio, Eudoro de Sousa entende “*um objeto de investigação ou descobrimento do que deixou vestígios*” tomados como “*alterações da natureza*” realizadas pelo homem (SOUSA, 1981, p. 70), isto é, uma objetivável, e por isto humana, transformação da natureza em objeto para fins humanos.

Examinando inicialmente o problema a partir da separação entre História e pré- História, separação configurada por uma abordagem positivista baseada no critério da escrita como única possibilidade de documentação do historiável, todavia, não é difícil perceber no pensamento de Eudoro de Sousa a dimensão tomada pelo mesmo problema, quando o critério da escrita é substituído por aquele outro, segundo o qual basta haver qualquer vestígio de atividade humana que implique a presença da consciência e da volição exclusivamente humana como o seu motor, para que seja autorizada ou justificada, desde um ponto de vista que se pretenda científico, a investigação histórica e, portanto, a História como saber. E não apenas no que respeita ao passado considerado mais distante, como é hábito historiográfico falar de Antiguidade, mas que não é senão, como já ressaltamos, a “*presença do presente*” projetado numa distância relativamente maior.

O referido critério é válido, deduzimos nós, para qualquer distância histórica referente ao presente, como denunciam as expressões elaboradas pela Ciência da História para a sua periodização ou organização em epocalidades, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea, nomes que são configurados pelo quão próximo ou distante estão os eventos e as realidades tomadas pela atenção da atualidade do historiador. Deste modo, o documento histórico, bem como a própria História, para Eudoro de Sousa, e nisto consiste o primeiro problema posto pelos documentos históricos na ordem em que assinalamos, demonstram a circularidade de que atrás comentávamos: sendo a História o saber da “*presença do presente*”, ou a própria “*presença do presente*” projetada num por si suposto passado que não é senão o presente ou o homem apenas humano, ela se faz mediante a investigação dos vestígios por si eleitos como tal (o que implica exclusão do que não é eleito), e não menos produzidos e legados pela consciência histórica do homem. Seja a atribuição pelos historiadores da qualidade de historiável ou histórico aos vestígios, seja a produção de vestígios e o seu consciente deixar ou legar por parte de quem os produziu, para Eudoro de Sousa, ambos os casos acusam a

⁹ Por “*além-humano*” e “*desumano*” Eudoro de Sousa compreende não o superlativo do homem-humano ou homem-coisa, mas a ignota força, mais que humana, que paralisa toda a sua construção intelectual, cujo fulgor implica a falência e a dissolução irresistível do pensar e do dizer comuns frente à invulgar experiência, a partir da destituição radical da identidade subjetiva do sujeito do conhecimento, assim como da nitidez dos objetos habitualmente pensados, representados e ditos por este conhecimento, isto é, destituição do sujeito de sua enunciação, que os projeta enquanto objetos, e dos objetos enquanto projeções enunciadas por este sujeito, sempre a partir do presente de sua enunciação.

característica fundamental do homem e, conseqüentemente, da “*presença do presente*”, que é a recusa do que não é exclusivamente humano, como já vimos, mas que agora assume um sentido que desempenhará papel decisivo em nossa interpretação do pensamento de Eudoro de Sousa referentemente à História: o reconhecimento de que o característico desejo da “*humanidade do homem humano*” (SOUSA, 1981, p. 71) de deixar vestígios de sua presença, por um lado, e, por outro, de buscar vestígios que supostamente confirmem o sentido de sua atualidade, traçada uma linha que vai do passado ao presente ou, mais propriamente, do presente ao passado, significa a precária tentativa humana de despotenciar a morte, recusando-a e expatriando-a da vida que é só humana. Não exatamente a morte biológica ou término da existência, encarada como fim da vida, senão no sentido da mais radical metamorfose experimentada pelo homem durante a sua vida e entendida por Eudoro de Sousa como catábase, isto é, viagem ontoantropológica transformadora em outridade da mesmidade do horizonte objetivo, talvez equivalente à passagem transfiguradora de um passado que não é senão o presente para um passado mais do que simplesmente o presente.

A exposição do segundo problema, o da minguada e fragmentada existência de documentos ou vestígios que testemunhariam o passado, aqui estará intimamente associada ao terceiro problema, a lembrar, o inconveniente (para o trabalho do historiador) de seu conteúdo ser intraduzível e incompreensível por linguagem e mentalidade distintas daquelas pelas quais foram produzidas. Ambos os problemas os vamos flagrar de modo mais explícito na crítica de Eudoro de Sousa ao que o pensador considera malfadada tentativa de se escrever a História da Religião Grega ou de qualquer outra autêntica religião, não redutível ao ímpeto intelectual da razão discursiva, também chamado por Eudoro de Sousa de logificação da consciência religiosa (SOUSA, 2004, p. 94), cujo caminho alegórico, como “*reflexo de uma luminosidade lógica, que não irradia propriamente da religião*” (SOUSA, 2000, p. 92), senão apenas do intelecto humano, e assim o afirma Eudoro de Sousa, “*se compraz em desdizer as autênticas expressões de religiosidade*” (SOUSA, 2004, p. 142). Neste sentido, o artigo “Dioniso em Creta” (SOUSA, 2004, p. 15-71) é a referência mais explícita.

Ressaibo amargo em nosso espírito é o que, em “Dioniso em Creta”, Eudoro de Sousa entende resultar da inglória busca de historicidade da Religião Grega. Esta é a desalentada caracterização da impossibilidade de se historiar o que é inexaurível pelo pendor humano de tudo transformar em sua imagem e semelhança (“*presença do presente*”), o que, para o que estamos analisando, o problema dos vestígios e dos documentos, significa aquilo que não deixa vestígios historiáveis, por não constituir ação “*hominizante*” (SOUSA, 1981, p. 51), como é o caso da experiência religiosa nos dramas rituais dos povos chamados pré-históricos (a exemplo dos Pelasgos no discurso de Heródoto). Ou, quando o faz, caso da Poesia e de monumentos e

artefatos arqueológicos, evidencia o ressentimento e o desespero do historiador em explicar pela via histórica o que é constitutivamente não-histórico, que é onde se situa o segundo problema por nós apontado relativamente aos documentos históricos. Com efeito, referentemente à Antiguidade das civilizações chamadas clássicas, âmbito dos seus estudos de filólogo helenista, e no que diz respeito especificamente à religião, mas o entendemos estendido para outras áreas da experiência humana, Eudoro de Sousa acusa o dissabor de não nos ter chegado, enquanto vestígios literários e arqueológicos, nem a centésima parte do que se escreveu, publicou, confeccionou e edificou.

Dissabor por dois motivos. Pese embora a possibilidade de se estabelecer com maior ou menor segurança a cronologia das fontes (SOUSA, 1981, p. 70), expediente positivista que, segundo Eudoro de Sousa, constitui para esta perspectiva “*o único alicerce, firme e inabalável, de uma construção prestigiada de plena validade científica*” (SOUSA, 2004, p. 22), a realidade documentada muito provavelmente remete o seu investigador à mais remota distância temporal, inalcançável pela abordagem histórica e, por isto, fora da sua capacidade de elucubração, sobretudo quanto mais distante dos padrões de conduta considerados historiáveis estiver o que neles se manifesta, causando a sua ocorrência estranheza e paralisia aos parâmetros de linguagem e de pensamento de que dispõe.

Além do que, dissabor também provoca ao historiador a consciência de que aquilo que está em sua posse enquanto vestígios do passado estudado, à maneira de um arquipélago, cujas ilhas, *per se* já nebulosas para quem busca compreendê-las, estão infinitamente distantes umas das outras num oceano também incomensurável e sem fundo, dizíamos, a consciência de que os documentos disponíveis revelam, mais do que presumidamente é esperado pelo historiador, a irreparável perda de inumeráveis elos que, caso tivessem sido preservados, constituiria o encadeamento necessário do que habitualmente se entende por causalidade histórica. Não é o caso. Interrompido fica, pois, o afã do historiador de construir o alinhamento causal em todos os seus detalhes, alinhamento que, assim o temos insistido, faz de qualquer passado uma projeção mais ou menos distante do presente.

Ainda quando o historiador se aferra à fragmentada documentação de uma realidade que vigorou em tempo distinto do seu presente, desejando assimilar historicamente o que é historiável, bem como o que por natureza constitutiva escapa à historicidade, ele se depara com outro óbice da mais alta relevância e que constitui o terceiro problema referentemente aos documentos ou vestígios históricos: a impossibilidade de se verter ou retro-verter linguagens, isto é, de se “*trans-literar diversos significantes que postulamos de idêntico significado*” (SOUSA, 2000, p. 140). O abismo que inviabiliza a equiparação, no caso da linguagem simbólica dos mitos e da conceitual e explicativa linguagem da racionalidade, já foi motivo de

nossa reflexão anteriormente, o que agora nos dispensa de repetir a argumentação ali apresentada.

Os três problemas expostos a respeito do que a História considera documentos ou vestígios históricos, e constituem garantias de que a História enquanto Ciência possa ser feita, configuram, no entendimento do autor de *História e Mito*, o desespero do historiador, frustrado em seu labor por se saber incapacitado de conferir sentido histórico àquilo que é indomável por qualquer discursividade, inclusive pela discursividade própria da Ciência da História. E o desespero do historiador, por sua vez, é indício iniludível da desventura da História concebida como Ciência do passado, porque o passado por si alcançado e alcançável não é um real passado, senão o seu próprio presente, isto é, o presente do historiador. Há, todavia, para Eudoro de Sousa, outra sorte de passado, nem identificado com o presente, nem tampouco por ele exaurível, mas que neste mesmo presente assoma em súbitas aparições (no drama ritual e na distração do afazer humano), propiciando-lhe, ainda que a contragosto seu, uma experiência que Eudoro de Sousa chama de experiência *sui generis* manifesta como uma “*estranheza*” (SOUSA, 1980, p. 5, 17) ou uma “*diferença na alma*” (SOUSA, 2004, p. 155). A sua ocorrência torna patente o desespero do historiador e a insuficiência da História em lidar com o que excede as suas estruturas cognitivas e linguísticas – mantendo o historiador como fera enjaulada diante da presa que não pode alcançar –, bem como evidencia a necessidade de se elaborar, como elaborar se possa, outro tipo de saber que seja sensível a esta ocorrência e capaz de formular a seu respeito um dizer que não a despreze ou corrompa em seu significado próprio. Embora não seja a nossa intenção desenvolver o tema nesse artigo, guardando-o para ocasião oportuna, para Eudoro de Sousa este dizer é a Poesia e este conhecimento a Mitologia, tendo ambas como ambiência própria a Religião.

Com efeito, para Eudoro de Sousa, evidência da insuficiência e da paralisia da Ciência da História no sentido que acima discutimos, são os esforçados e talentosos, embora malfadados, estudos de História das Religiões acerca dos chamados Mistérios de Elêusis. Sobretudo quando a pretensão é, através dos vestígios legados pela Antiguidade, penetrar a suposta essência do que teria sido o ritual celebrado no santuário de Elêusis por seus iniciados e dizer, cientificamente, em que consistiu o seu conteúdo. Resulta do referido expediente, assim o entende Eudoro de Sousa, a redução daquele conteúdo, interdito a não-iniciados, a fantasia ou hipertrofia da imaginação de povos primitivos, consoante a perspectiva positivista que avalia e caracteriza o antigo pelo paradigma de seu conhecimento atual, considerado ápice da descoberta da verdade ou estágio mais avançado do conhecimento, antecedido por Teologia e Metafísica, superadas estas pelo advento da Ciência positiva. Todavia, encontra-se no artigo “Mitologia e Ritual” (SOUSA, 2004, p. 93-117) uma afirmação de Eudoro de Sousa que, ao nosso ver, além de acusar

antecipadamente a tese da limitação da História sob o signo do positivismo no que diz respeito à consideração de um passado que não se identifica com o presente¹⁰, também constitui sintoma do que entendemos significativa viragem no pensamento de Eudoro de Sousa e, conseqüentemente, chave a partir da qual o pensador arranca para a formulação do problema da História expresso na sua indisponibilidade ao ou recusa do que se encontra além do horizonte da historicidade (o Mito) e, portanto, além do homem apenas humano, como expresso em *História e Mito*, bem como para a sua solução. Comentando o processo pelo qual, conforme as Histórias da Filosofia, a consciência humana despertou de seu sono primordial, processo habitualmente compreendido como “*milagre grego*”, e que para Eudoro de Sousa expressa um constante distanciar de sua unidade original ou a própria afirmação do mito teândrico¹¹, diz o pensador:

(...) “o fenómeno daria plena razão ao positivismo historicista, se, efectivamente, aquela primitiva forma de consciência religiosa, que Heródoto atribui aos Pelasgos, de todo tivesse sido abolida pelas subsequentes Poesia e Filosofia dos Gregos” (SOUSA, 2004, p. 107).

E de não ter sido abolida, Eudoro de Sousa sustenta a ideia que diferencia, como assinalamos anteriormente, “*origem*” de início, em que aquela constitui o subjacente, oculto e perene “*antes*” que não passa, e este o antecedente cronológico do que devém e que apenas tem vigência, desde um ponto de vista histórico, no começo do devir dos entes originados, desvanecendo a sua realidade ou a sua real presença durante o desenvolvimento do seu processo histórico. De modo que, atestando a não abolição da “*primitiva forma de consciência religiosa*” na atualidade de qualquer presente humano, será no estudo sobre os Mistérios de Elêusis, os segredos de sua iniciação, que Eudoro de Sousa, abordará e constatará a constância e a perenidade daqueles fenômenos originários pelo menos até ao fim da História da Grécia Antiga¹², desafiando deste modo a abordagem positivista da História.

Sobre o culto eleusino na chamada Antiguidade pagã, considerando por esta expressão, desde um ponto de vista histórico (com todas as implicações redutoras ao presente que acima apontamos), um período que se estende dos “*alvores da Grécia histórica até o IV século da Era cristã*” (SOUSA, 2004, p. 108), lembra Eudoro de Sousa haver copiosos monumentos que o testemunham e que, portanto, o compatibilizam com a investigação da História tomada como o

¹⁰ A publicação do artigo “Mitologia e Ritual” é anterior à do ensaio *História e Mito*.

¹¹ Mito teândrico: o mito do homem dotado de intelecto e vontade onnipotentes, posto no centro do mundo que a ele se subordina.

¹² Ainda que use a terminologia habitual da historiografia para assinalar o que chama de Antiguidade da Grécia, Eudoro de Sousa o faz consciente de haver, para o caso dos estudos da designada Antiguidade Grega, várias “Grécias” na Grécia chamada “antiga”, em conformidade com o presente que a estuda ou a projeta: uma Grécia “antiga” renascentista, outra iluminista, ainda outra romântica, e mais uma neo-humanista. E quantas mais forem os sucessivos presentes que a investiguem.

saber da “*presença do presente*”, conhecimento próprio do agora humano edificado a partir de documentos tomados como históricos. Com efeito, diz-nos Eudoro de Sousa, por estes documentos sabe-se historicamente que na Primavera de todos os anos, em Agra, nos subúrbios de Atenas, à margem esquerda do Ilissos, eram celebradas naquele período assinalado cerimônias dedicadas à deusa Perséfone (ou Korê, filha de Deméter). As festividades ocorriam nos dias 19, 20 e 21 do mês *Antestérione* (correspondente aos meses de fevereiro e março do Calendário Gregoriano) e plausivelmente tinham a função de purificação e instrução dos futuros iniciados. Sabe-se também, que o ritual transcorria na chamada *Via Sacra*, entre as cidades Gregas de Atenas e Elêusis, e consistia numa troca de objetos sagrados entre as duas cidades. Contudo, entende Eudoro de Sousa que esta é a face não-secreta ou profana dos mistérios, ou ainda, compunha o que os investigadores do culto chamam de *mistérios menores*, e que é propriamente a expressão histórica da celebração.

Para Eudoro de Sousa, o autêntico significado do que se celebrava no culto, isto é, aquilo que por força etimológica leva o nome de *Mistério*¹³, e que os seus estudiosos atribuíram o nome de mistérios maiores, reservados aos iniciados, para diferenciá-los daqueles outros chamados mistérios menores e abertos aos não-iniciados, resiste a dar-se a conhecer de modo indubitável pela via documental. Por um lado, o historiador se depara com a inexistência de documentos a seu respeito, pois que no silêncio do iniciado consiste a própria definição do *Mistério*, cerne do culto secreto, não produzindo os seus praticantes vestígios nem para os profanos seus contemporâneos, como um “*dançar fora*” (SOUSA, 2000, p. 91), nem para legá-los para os tempos subsequentes, a *contario sensu* do que Eudoro de Sousa aponta como o humaníssimo desejo da “*humanidade do homem humano*” de deixar vestígios de sua presença, característico do que é a História. E não os produziam e “deixavam” conscientemente, como no caso do homem da História, não apenas por obediência a interdições hierárquicas da religião institucionalizada, mas, sobretudo, conforme a maior inclinação do entendimento de Eudoro de Sousa, pela inviabilidade de se compreender, dizer e transmitir por meios discursivos o que não era doutrina exposta de modo teórico, senão uma íntima e arrebatadora experiência.

Por outro lado, pese embora a profusão de monumentos que evidenciam o culto na Antiguidade Greco-Latina, a interpretação dos seus mistérios, como realizada por Eudoro de Sousa, demonstra que os documentos apenas são relativos à religião eleusina já assimilada

¹³ Do étimo original grego *μυστήριον* (*mystérion*) e latino *mysterium*, derivado da palavra *μύστης* (*mystes*), com o sentido de “*o que mantém os lábios cerrados*”, o vocábulo *mistério*, conforme Eudoro de Sousa, designava na Antiguidade um gênero de festividade religiosa essencialmente caracterizada pelo mandamento do segredo. O iniciado (*mystes*) devia silenciar tudo o que aprendera, sendo-lhe rigorosamente proibido revelar ao profano ou não-iniciado o que lhe fora dado contemplar no ritual de iniciação e nas celebrações que daí decorriam. Cf. Eudoro de Sousa. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 111.

(domesticada, como se a autêntica experiência religiosa fosse domesticável) à luminosidade racionalizante da historicidade Grega, protegida e sancionada por leis atenienses, patrocinada pela cidade e dentro do respectivo círculo institucional (SOUSA, 2000, p. 85). Esta perspectiva, para Eudoro de Sousa, significa não muito além da constatação de ter havido o culto, bem como a possibilidade de se lhe acessar, mas acesso apenas a uma face esclarecida pela luz histórica dos mistérios, jamais, contudo, à compreensão intelectual do conteúdo do culto, como pretendem as historiografias especializadas, e, portanto, a Ciência da História. Mas, da consciência desta exasperante insuficiência de a História conhecer o real conteúdo dos rituais dos Mistérios de Elêusis, o que é revelada pela debilidade da investigação dos vestígios, Eudoro de Sousa dá o passo fundamental para o que virá a ser a Mitologia por si concebida na obra homônima e em *História e Mito*. Para Eudoro de Sousa, seja qual for a explicação histórica dos ritos desempenhados no culto eleusino, certo é que “*eles se destacam do fundo mais obscuro e mais oculto*” (SOUSA, 2000, p. 86), abismo sem fundo compreendido como “*presença do passado*”, inalcançável pela História, esta compreendida como a “*presença do presente*”. Nesta incapacidade de a História transcender o seu horizonte próprio, *horizonte da historicidade* na terminologia de Eudoro de Sousa, e aceder o além-horizonte dessa mesma historicidade, se evidencia o que o pensador entende como o desespero do historiador, associado com a ineficácia dos documentos históricos e, por conseguinte, com a limitação epistemológica da História.

Os insistentes estudos de Eudoro de Sousa acerca dos Mistérios de Elêusis, mais ou menos patentes nos seus artigos, além de lhe fornecer elementos para a formulação do problema da História como exposto em *História e Mito*, isto é, a incapacidade da “*presença do presente*” aceder à “*presença do passado*”, revelando assim que a História constitui não um saber sobre o passado, mas um conhecimento do presente, também despertou o seu interesse, desde então perseguido com a voracidade de um investigador que a tudo sacrifica em nome de uma sempre renovada e maior aproximação com o tema do seu fascínio, para a possibilidade de haver uma outra presença, nem apenas do presente, nem tampouco somente do passado, mas que se faz presente no “entre as duas” por nela refletir a ambas, “*presença do presente*” e “*presença do passado*”. Como expresso em *História e Mito*, esta terceira presença seria um espaço em que se jogam excedências virtuais do passado e do presente, cuja expressão própria seriam as religiões místicas do Mediterrâneo Oriental, das quais Elêusis irradia incomparável fulgor (SOUSA, 2000, p. 85).

Para concluir: pelo que foi exposto, fica assente que a História, como a entende Eudoro de Sousa, define-se como um saber que pergunta sempre e invariavelmente pela “*presença do presente*”, que não é senão o homem hominizado, indiferente ou negador do que lhe excede, já aqui designado como “*presença do passado*”. Neste sentido, a História é a própria consciência

do homem e nada além disso. Continua e cientificamente busca o mesmo, isto é, o homem, desde uma arraigada abordagem em que o outro, nem humano, nem atual, é aparência sem relevância. Assim o sentido desabonador de “pré” na expressão “pré-História”. De modo que, a partir de sua concepção antropológica (aquela caracterizada pela centralidade do homem) e do entendimento científico da História que dela decorre, Eudoro de Sousa acusa na abordagem mais abrangente de Ciência, a insuficiência da História enquanto saber que se pretende do passado, mas não é capaz de sair do vicioso círculo do presente, um círculo sem horizonte e, conseqüentemente, sem centro.¹⁴ Ou da “*presença do presente*”, que é o próprio homem, caracterizado pela recusa do que não é humano e lhe é ofertado gratuitamente, sacrilégio pelo qual, de modo circular e vicioso o homem separa a “*presença do presente*” da “*presença do passado*”, recusando este passado não-humano e gerando a definição de um homem “humano”, que é, propriamente, a ambiência do mito teândrico. É este mito, conforme Eudoro de Sousa e embora não reconhecido nem assumido como tal pelos historiadores, que engendra a História como Ciência dedicada à “*presença do presente*” e que, por assim o ser, constitui o homem separado do passado, contrariando o discurso que faz da História uma Ciência que se ocupa do passado.

E não cremos que o pessimismo referente à suficiência da Ciência da História quanto a um suposto alcance efetivo do passado (não equivalente ao presente) se limite às abordagens históricas que antecederam e àquelas vigentes e hegemônicas na altura em que Eudoro de Sousa desenvolveu a sua crítica à História, nomeadamente a orientação positivista. Isto porque, mesmo com o advento de novas abordagens historiográficas, acompanhadas do reconhecimento de novas fontes de pesquisa, em oposição à História positivista ou mesmo à História marxista, como por exemplo, aquelas a que se dedicaram a *École des Annales* e a chamada Nova História (história das mentalidades, história do presente ou imediata, história das representações, história do imaginário, história não-eurocêntrica, história das estruturas, história da longa duração, história dos marginais, história do corpo e da sexualidade etc.), nenhuma destas abordagens, todavia, tem se mostrado receptiva às discussões acerca da “*origem*” presumida por Eudoro de Sousa subjacente à História, embora por essa olvidada. Com o sentido de “*antes*” e “*presença do passado*”, esse suposto fundamento constituiria, caso assumido pela atualidade do historiador, uma *sui generis presença* na História, talvez como a “*terceira presença*” preconizada por Eudoro de Sousa a propósito das religiões místicas do Mediterrâneo Oriental, mas não insustentável referentemente às religiões de povos e culturas cuja autocompreensão ainda não está domesticada pela discricionalidade racional do conhecimento filosófico e científico. Pensar a História a partir desta *presença* parece, todavia, ímpeto que a Ciência da História se recusa a

¹⁴ Não há horizonte sem centro, nem centro sem horizonte; não há circunferência sem centro, nem centro sem circunferência.

desempenhar, cabendo, segundo Eudoro de Sousa, à Mitologia a desmesurada ousadia epistemológica. Isso, no entanto, seria assunto a ser desenvolvido noutra oportunidade, considerando o propósito e os limites deste nosso artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

SOUSA, Eudoro de. **Dioniso em Creta e Outros Ensaios** (Introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.

SOUSA, Eudoro de. **Mitologia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

SOUSA, Eudoro de. **História e Mito**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

SOUSA, Eudoro de. **Horizonte e Complementariedade: Ensaio Sobre a Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1975.

SOUSA, Eudoro de. **Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios** (Organização de Joaquim Domingues e Apresentação de Paulo Alexandre Esteves Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

SOUSA, Eudoro de. **Sempre O Mesmo Acerca do Mesmo**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.

Recebido em: 15/01/2023
Aprovado em: 30/06/2023